

LIVRO ESPAÇOS PÚBLICOS DE PELOTAS: desenhos e histórias
Uma experiência de educação para o patrimônio e democratização do
conhecimento científico

BOOK PUBLIC SPACES OF PELOTAS: drawings and stories
An experience of education for heritage and democratization of
scientific knowledge

Carolina Magalhães Falcão¹
carolcmfalcao@gmail.com.br

Daniele Behling Luckow²
daniele.luckow@gmail.com

Fernanda Tomiello³
fernandatomiello@gmail.com

Gisele Dutra Quevedo⁴
gisele.quevedo.ppgmspc@gmail.com

Vanessa Patzlaff Bosenbecker⁵
vanessa.bosenbecker@riogrande.ifrs.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta e discute o processo de elaboração do livro Espaços Públicos de Pelotas: Desenhos e Histórias, abordando desde sua concepção e desenvolvimento até as reflexões sob a ótica do patrimônio cultural. A obra representa uma experiência que mescla educação para o patrimônio e democratização do conhecimento científico. O projeto envolveu alunos de graduação na produção de textos e desenhos sobre espaços públicos em Pelotas, Rio Grande do Sul, destacando sua importância

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestrado pelo PROGRAU da UFPEL.

² Arquiteta e Urbanista. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2010). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em estudos e documentação da Arquitetura e Urbanismo.

³ Arquiteta e Urbanista pela UFPEL. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas.

⁴ Graduada em Licenciatura em História. Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

⁵ Arquiteta e Urbanista. Doutoranda e mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

histórica e cultural. O método incluiu a orientação dos alunos na elaboração do material, análise dos resultados e revisão e complementação do conteúdo. Por meio de ilustrações e narrativas simples, o livro busca envolver a comunidade local no reconhecimento e valorização dos espaços públicos abertos, ao mesmo tempo em que torna o conhecimento científico acessível a um público mais amplo. Assim, amplia-se a conscientização sobre o patrimônio e fortalece-se a conexão das pessoas com sua cidade, promovendo a aproximação entre a academia e a comunidade.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Espaços Públicos; Pelotas.

Abstract: This article presents and discusses the process of creating the book *Public Spaces of Pelotas: Drawings and Stories*, covering its conception and development as well as reflections from the perspective of cultural heritage. The work represents an experience that combines heritage education with the democratization of scientific knowledge. The project involved undergraduate students in producing texts and drawings about public spaces in Pelotas, Rio Grande do Sul, highlighting their historical and cultural significance. The method included guiding the students in preparing the material, analyzing the results, and reviewing and complementing the content. Through illustrations and simple narratives, the book aims to engage the local community in recognizing and valuing open public spaces, while also making scientific knowledge accessible to a broader audience. In this way, it raises awareness about heritage and strengthens the connection between people and their city, promoting closer ties between academia and the community.

Keywords: Heritage Education; Public spaces; Pelotas.

1. Introdução

Nas sociedades contemporâneas, o conhecimento é um bem de grande importância; no entanto, assim como em relação a outros recursos, sua distribuição é desigual na realidade brasileira. No Brasil, a maior parte do conhecimento é produzida dentro das universidades, e é dever dos detentores desse capital cultural (Bourdieu & Passeron, 2014) sair dos muros das instituições de ensino superior e compartilhar seus saberes com o restante da comunidade em que estão inseridos.

Neste artigo, o objetivo é apresentar e discutir o processo de produção do livro intitulado *Espaços Públicos de Pelotas: Desenhos e Histórias* (Tomiello e Luckow, 2023). O livro foi elaborado pelo Programa de Extensão de Apoio às Práticas Patrimoniais, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Ele representa um produto voltado para a democratização do conhecimento científico, neste caso relacionado aos espaços públicos abertos, e serve como um instrumento de educação para o patrimônio.

Os espaços abertos desempenham um papel significativo na configuração da paisagem cultural da cidade de Pelotas, amplamente reconhecida em níveis municipal, estadual e nacional devido ao seu patrimônio, tanto material quanto imaterial. Buscando o reconhecimento e a valorização desses espaços, foi proposto um trabalho interdisciplinar em

sala de aula, implementado nas turmas das disciplinas de Expressão Gráfica II e História e Teoria do Urbano, no segundo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCPel.

Esse projeto, repetido ao longo de quatro semestres consecutivos, gerou um considerável acervo de conteúdo. Os materiais produzidos pelos alunos incluíram desenhos criados com a técnica de aquarela, retratando espaços abertos de sua escolha, além de textos concisos que narram a história, as características e curiosidades de cada um desses lugares representados. Diante da qualidade e do potencial do acervo gerado pela repetição da atividade e da carência de instrumentos de educação patrimonial voltados para espaços abertos, surgiu a ideia de criar uma publicação com esse material.

A participação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foi essencial para viabilizar a publicação do livro, especialmente por meio da Editora da UFPel. A colaboração de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural também foi fundamental, contribuindo na revisão e complementação do conteúdo textual.

2. Os espaços públicos abertos como patrimônio cultural

O reconhecimento crescente dos espaços abertos das cidades como patrimônio cultural é indiscutível. No entanto, sua efetiva preservação ainda enfrenta desafios, carecendo de ferramentas adequadas para a educação sobre o patrimônio e para políticas públicas sólidas. Esses espaços, seja individualmente ou em conjunto, desempenham um papel fundamental na construção da paisagem cultural urbana e podem ser considerados um valioso patrimônio, tanto material quanto imaterial, para a sociedade. Além de serem destinados primariamente ao lazer e à circulação, também funcionam como locais para o ócio, interações sociais, trocas culturais e o reconhecimento do outro.

Pelotas é uma cidade conhecida pelo seu relevante conjunto patrimonial, reconhecido institucionalmente nas três esferas (municipal, estadual e federal): os casarões ecléticos, as charqueadas, a tradição doceira, entre outros. Contudo, não poderíamos sequer olhar para um casarão eclético, por exemplo, se não houvesse o espaço público aberto adjacente a ele. Os espaços públicos conectam, relacionam e dão visibilidade a esse patrimônio e também constituem, eles próprios, um patrimônio da comunidade.

Neste contexto, frente ao crescente reconhecimento da importância das áreas verdes urbanas e demais espaços destinados ao lazer e ao convívio social, à tendência de

democratização das vias de circulação, à defesa da retomada dos espaços públicos pelas pessoas e ao direito à cidade como um todo, ainda se observa uma lacuna evidente no que diz respeito à preservação patrimonial. A concentração da salvaguarda patrimonial em áreas centrais e a ênfase em objetos construídos em detrimento de espaços livres podem resultar na desvalorização de espaços de convívio, especialmente os periféricos, e agravar as desigualdades sociais.

Embora haja diversas áreas abertas na cidade, poucas têm seu valor reconhecido, e muitas não recebem sequer investimentos ou manutenção pelo poder público, sendo frequentemente pouco apropriadas pela comunidade. Assim, enquanto uma pequena parcela da população tem acesso às áreas centrais, facilidade de deslocamento pela cidade, acesso a clubes privados e urbanizações fechadas, a grande maioria não tem sequer uma rua qualificada ou uma praça com a mínima infraestrutura perto de casa. Esses lugares estão diretamente relacionados à qualidade de vida e ao convívio social, integrando as necessidades e direitos fundamentais da vida urbana e complementando a habitação.

Os espaços abertos integram a paisagem cultural das cidades, a qual, segundo Scifoni (2016), também é entendida como uma categoria para a preservação do patrimônio cultural no Brasil. Ela se refere a um recorte territorial ou a uma determinada porção espacial, podendo ser vista como um conjunto vivo, dinâmico e representativo das práticas culturais e sociais, e traz as marcas das diversas camadas de tempo construídas pelos grupos sociais que a viveram. A memória social e as relações cotidianas acontecem em lugares que caracterizam a paisagem cultural.

A constituição do espaço urbano, compreendendo cheios e vazios, que se referem aos elementos construídos e aos espaços abertos, representa uma das formas mais tradicionais de leitura e expressão da dimensão socioespacial da urbanidade. Portanto, os elementos urbanos podem ser abordados de diversas maneiras, sendo uma delas a concepção de que os elementos construídos e os espaços abertos existem em função mútua, desempenhando ambos papéis fundamentais na configuração urbana, a qual, por sua vez, influencia diretamente o comportamento humano, visto que está intrinsecamente ligada ao modo de vida e à organização social.

Lefebvre (2001), na década de 1960, levantou uma questão crucial: se as diversas necessidades sociais não estariam intrinsecamente ligadas à busca por espaços de qualidade,

que permitam encontros e interações, em detrimento do foco exclusivo no comércio e no lucro. Dessa forma, ele ressalta a importância da apropriação da cidade como um bem coletivo, numa perspectiva anticapitalista, reafirmando o valor de uso em contraposição à visão da cidade como mercadoria.

Silva e Versiani (2011) apresentam um panorama sobre espaços públicos no Brasil, com ênfase na sua caracterização como espaços de lazer. Nesse sentido, apontam que a maioria das cidades não dispõe de áreas públicas suficientes para o lazer e que as existentes frequentemente são mal distribuídas e apresentam problemas de manutenção e conservação. As autoras estabelecem uma relação entre essas deficiências e a visão do lazer como mercadoria, associada à lógica neoliberal e frequentemente defendida por empreendimentos privados.

Outro aspecto significativo dos espaços abertos é a sua contribuição ambiental. Quando são permeáveis e possuem vegetação, essas áreas se transformam em serviços ambientais urbanos. Conforme destacado por Queiroga (2014), podemos considerá-los como um sistema de espaços livres de interesse ambiental, ressaltando sua importância para a cidade e seu ecossistema.

Dessa forma, embora alguns espaços abertos possuam características formais que justifiquem sua preservação com base em suas qualidades físicas, a perspectiva aqui apresentada destaca o reconhecimento e a valorização desses locais pelo que oferecem em termos de experiência cotidiana, impacto na qualidade de vida, contribuição para a formação da paisagem cultural e oportunidades de interação social que proporcionam.

3. Educação para o patrimônio e democratização do conhecimento científico

Muito do que se sabe sobre patrimônio cultural ainda é um conhecimento restrito ao circuito acadêmico. Dessa forma, a educação para o patrimônio e a democratização do conhecimento científico são essenciais para o reconhecimento e valorização desse patrimônio pela comunidade. Além disso, é necessário que a comunidade em geral possa identificar o que é patrimônio a partir de suas vivências cotidianas, além de reconhecer o patrimônio institucionalizado.

Nesse sentido, Scifoni (2022) argumenta que a hierarquia imposta entre o conhecimento técnico, associado aos especialistas considerados superiores, e os saberes

populares e empíricos, considerados inferiores, cria obstáculos para a realização de um diálogo profundo. Isso ocorre pela falta de disposição e abertura para considerar as perspectivas das pessoas comuns que vivenciam, habitam e utilizam o patrimônio cultural. Scifoni (2022) sugere, como alternativa, uma abordagem educativa que promova a afirmação da identidade cultural, capacitando indivíduos a se tornarem agentes ativos na preservação de seu patrimônio e memória. Assim, a educação patrimonial seria um dos caminhos possíveis nessa direção.

Os processos de patrimonialização, através de seus variados enfoques e instrumentos, têm sido uma importante ferramenta de valorização, reconhecimento e preservação da paisagem cultural, dos lugares e da memória que integram o habitat humano. No entanto, apesar de consideráveis avanços, os instrumentos vigentes ainda não abrangem a salvaguarda da multiplicidade de bens que carecem de atenção. Nesse sentido, Fonseca (2017) destaca a necessidade e importância do envolvimento social nas práticas de proteção e preservação de bens culturais móveis e imóveis e aponta uma série de desafios à política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil.

Nessa mesma perspectiva, Scifoni (2022) afirma que, diferentemente da abordagem convencional que se concentra apenas no patrimônio cultural sob a proteção do Estado, essa nova perspectiva pedagógica pretende encorajar os grupos sociais a promoverem, de forma autônoma, processos de identificação de suas próprias fontes de memória e identidade.

Nesse sentido, Scifoni (2022) destaca que uma abordagem contemporânea da educação patrimonial visa estimular a reflexão crítica, a problematização das políticas públicas e a construção da noção de herança compartilhada. Essa perspectiva não se limita apenas aos bens culturais oficialmente tombados ou protegidos, mas alinha-se com o espírito da Constituição Federal de 1988, que aborda o patrimônio em seu sentido amplo, compreendendo-o como o suporte para a ação, memória e identidade dos diversos grupos sociais que constituem a sociedade brasileira.

Morris (2023) destaca que o histórico da ciência está intrinsecamente entrelaçado com a violência associada ao colonialismo europeu. A colonização envolveu não apenas dominação militar, mas também a imposição cultural, conhecida como "epistemicídio", que persiste em sistemas educacionais e científicos, desvalorizando conhecimentos alternativos, como o indígena e o popular. Morris enfatiza a necessidade de adotar uma abordagem crítica e

reflexiva diante dessas interações, reconhecendo o impacto histórico do colonialismo nas estruturas de poder e desigualdades subjacentes na ciência. Para o autor, é imperativo promover a democratização da ciência, tanto internamente, diversificando a participação de várias perspectivas, quanto externamente, estimulando um diálogo aberto e inclusivo com a sociedade e outras formas de conhecimento.

Muitos trabalhos acadêmicos realizados por pesquisadores em universidades ficam restritos ao âmbito acadêmico, sem a intenção de alcançar um público mais amplo. Embora alguns sejam compartilhados, frequentemente são publicados apenas em periódicos científicos, atingindo principalmente outros acadêmicos que utilizam uma linguagem especializada, o que dificulta o acesso do público geral à informação. Portanto, o livro *Espaços Públicos de Pelotas: Desenhos e Histórias* foi criado com base na ideia de Morris (2023) de promover a interação entre a academia e a sociedade, permitindo uma troca mútua de conhecimento. Sua intenção é disponibilizar uma das produções da universidade à comunidade local, apresentando informações sobre um dos diversos patrimônios de Pelotas de maneira clara e acessível.

4. O processo de elaboração do livro

O livro *Espaços Públicos de Pelotas: Desenhos e Histórias* (Tomiello e Luckow, 2023) surge como resultado de um processo voltado para a democratização do conhecimento científico associado aos espaços públicos abertos, caracterizando-se também como um instrumento de educação para o patrimônio. O livro apresenta alguns desses espaços através de desenhos feitos com a técnica de aquarela e de textos simples e breves, que complementam as imagens com fragmentos da história, características e curiosidades de cada lugar.

No segundo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), duas das disciplinas oferecidas são Expressão Gráfica II e História e Teoria do Urbano. Com o objetivo de articular os conteúdos dessas disciplinas, foi proposto que cada estudante escolhesse um espaço público de Pelotas para desenhar em uma disciplina e pesquisar em outra. Os espaços foram escolhidos pelos estudantes de forma espontânea, com a orientação de retratar diferentes tipos de espaços públicos abertos. Assim, o livro não se propõe a retratar todos os espaços nem os mais relevantes, mas sim apresentar uma amostra

desses lugares, a partir das vivências cotidianas de diversos estudantes, destacando a diversidade.

A experiência se mostrou produtiva, especialmente pela integração entre as abordagens, que deu mais sentido à elaboração dos trabalhos. Após repetir o processo por quatro semestres consecutivos, decidiu-se sistematizar o material produzido e organizá-lo em uma publicação, tanto para registrar e valorizar o trabalho dos estudantes quanto para compartilhá-lo com a comunidade. Desde o início, teve-se a clara intenção de publicar algo com linguagem simples e acessível para o público geral, ricamente ilustrado pelas aquarelas. A Figura 1 mostra a capa da versão digital do livro, a qual também será utilizada para a versão física.

Para organizar o conteúdo, os espaços foram agrupados por tipo: praças, parques, avenidas, largos, calçadas e orlas. Em cada capítulo, apresentou-se uma definição de cada tipologia, indicando quais exemplares dela serão mostrados, conforme pode ser visto na Figura 2, referente ao capítulo das praças. A seguir, há um conjunto de quatro páginas sobre cada lugar, integrando desenhos e textos. A Figura 3 mostra o exemplo da Praça Josimar Rosado da Silva Tavares e inclui uma proposta de atividade interativa. Já a Figura 4 mostra o exemplo do Calçadão da Andrade Neves, incluindo desenhos que retratam o mesmo lugar em diferentes épocas. Essa dinâmica foi pensada para contemplar as particularidades de cada local e evitar um padrão rígido de informações, que poderia tornar a leitura monótona e previsível.

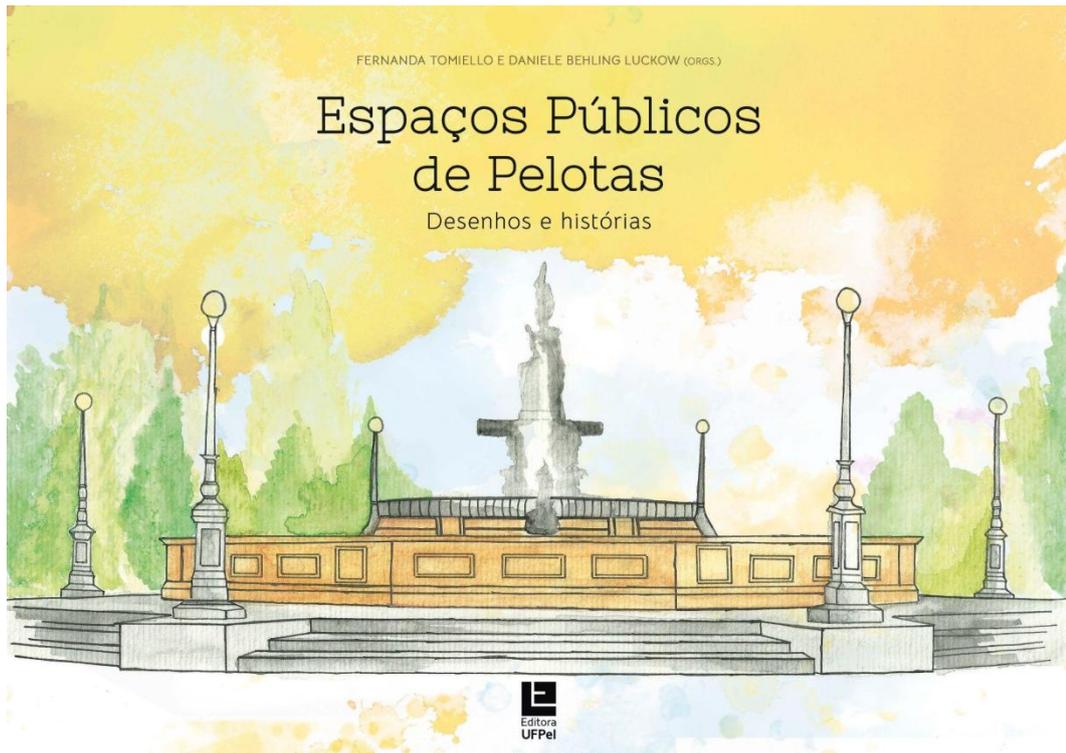


Figura 1: capa do livro publicado. Fonte: Tomiello e Luckow, 2023.

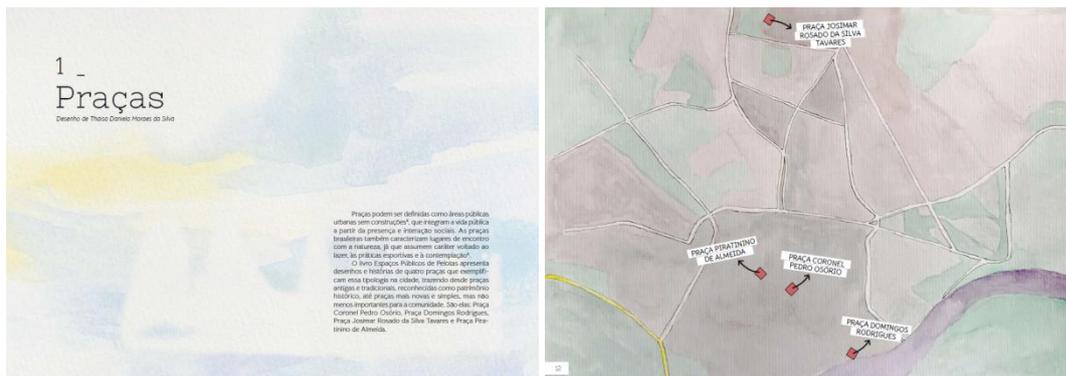


Figura 2: exemplo de abertura de capítulo. Fonte: Tomiello e Luckow, 2023.



Figura 3: exemplo de conjunto de páginas de uma praça. Fonte: Tomiello e Luckow, 2023.



Figura 4: exemplo de conjunto de páginas de um calçadão. Fonte: Tomiello e Luckow, 2023.

Além de todo o conteúdo produzido pelos estudantes, o projeto gráfico também foi elaborado por alunas do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCPel e pela diagramadora da editora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Para assegurar a pertinência e veracidade das informações textuais, o conteúdo foi revisado e complementado pelas professoras do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCPel e por doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Além disso, buscou-se uniformizar o conteúdo quanto à extensão dos textos, à linguagem utilizada e aos temas abordados, sempre articulando informações históricas com as características da paisagem de cada espaço.

O livro é finalizado com uma reflexão sobre a diversidade e as múltiplas temporalidades dos espaços públicos de Pelotas e um convite para imaginar os espaços públicos do futuro:

O tempo presente é contraditoriamente o mais palpável e também o mais fugaz: é o agora e já passou. O passado se manifesta em cada elemento físico que integra o espaço e também através da paisagem cultural – cada ladrilho e cada costume conta uma história. E o futuro? Ainda que o passado e o presente nos forneçam pistas de futuros possíveis, cabe a cada um de nós imaginá-lo e torná-lo realidade. O futuro é uma construção coletiva na qual cada individualidade importa. As páginas seguintes estão intencionalmente em branco para que possam receber esboços, ideias e sonhos utópicos sobre os espaços públicos do futuro. (Tomiello e Luckow, 2023, p. 83).

A versão digital do livro foi publicada em agosto de 2023 no repositório da editora da UFPel, e o evento de lançamento também ocorreu no mês de agosto, na UCPel, conforme mostram as imagens da Figura 5. Na ocasião, foram exibidos os desenhos originais e apresentado o e-book, que teve uma ótima receptividade por parte da comunidade.



Figura 5: lançamento da versão digital do livro. **Fonte:** PROGRAMA DE APOIO ÀS PRÁTICAS PATRIMONIAIS, 2023.

Por fim, reitera-se que o livro foi concebido como um instrumento de educação para o patrimônio, voltado para o público em geral e não apenas para a comunidade acadêmica. Investiu-se em atividades interativas e no potencial da linguagem artística dos desenhos para despertar a curiosidade e o interesse da comunidade, bem como na simplicidade dos textos para incentivar a leitura e facilitar o entendimento.

Atualmente, busca-se financiamento para o lançamento da versão impressa, com o objetivo de distribuí-la gratuitamente na rede municipal de ensino, que manifestou interesse na publicação. Além disso, nos próximos anos, espera-se trabalhar em parceria com estudantes das escolas públicas, com o intuito de aproximar ainda mais a comunidade de seus patrimônios plurais. Acredita-se que, a partir da experiência de produção deste livro, será possível desenvolver outros projetos com a participação ainda mais ativa da comunidade além da universidade.

Uma proposta que surgiu nesse sentido é a publicação de um novo livro, nos mesmos moldes, denominado Outras Pelotas. O objetivo geral é trabalhar no contexto escolar a compreensão e a apropriação do patrimônio cultural como testemunho de identidade e memória coletiva, além da patrimonialização institucionalizada. Com isso, pretende-se aprofundar as ações de educação para o patrimônio com foco nas expressões culturais locais e territoriais, adotando uma visão mais inclusiva e apropriada do tema, através da construção de um livro que reflita a percepção do que é patrimônio sob o olhar da comunidade escolar.

5. Considerações finais

Com a crescente utilização das mídias digitais, muitos alunos que ingressam nos cursos de Arquitetura e Urbanismo demonstram pouco interesse pelas técnicas de expressão gráfica à mão livre. A perspectiva da produção do livro despertou nos alunos a motivação para explorar as técnicas de aquarela, e a integração com a pesquisa sobre a história e características dos espaços desenhados também aumentou o interesse. As pesquisas enriqueceram os textos do livro, permitindo aos alunos construir narrativas de forma leve, sem a carga do academicismo da escrita, e se deparar com fatos curiosos e uma construção histórica. Outro ponto a ser destacado é a livre escolha dos espaços a serem desenhados e pesquisados para compor o livro. Esses espaços não são exclusivamente áreas turísticas ou já reconhecidas como patrimônio, mas incluem paisagens cotidianas e locais singelos, igualmente importantes para a comunidade. Assim, a diversidade do produto final reflete as escolhas dos alunos, seja por seus conhecimentos prévios, por terem uma relação pessoal com os espaços ou por buscar retratar lugares e cenários distintos.

A parceria interinstitucional para a elaboração do livro incluiu o Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e o Programa de Extensão de Apoio às Práticas Patrimoniais da UCPel, o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e a Editora da UFPel. As atuações de cada núcleo foram complementares: o Curso de Arquitetura e Urbanismo foi responsável pela produção do material inicial, com a contribuição dos alunos das disciplinas de Expressão Gráfica II e História e Teoria do Urbano; o Programa de Apoio às Práticas Patrimoniais idealizou o livro, organizou o material e coordenou o projeto; o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, através das estudantes colaboradoras, contribuiu para a revisão, padronização e qualificação do conteúdo; e a Editora da UFPel viabilizou a publicação, com o processo de editoração e contribuição crítica para o aprimoramento do material. Assim, a parceria interinstitucional foi estabelecida por meio de atuações complementares e colaborativas, resultando na produção de um material de qualidade e aproximando diferentes pessoas, núcleos e instituições.

A busca pela democratização do conhecimento científico foi um aspecto fundamental para o projeto, pois muito do conhecimento produzido no contexto acadêmico não é publicado ou compartilhado com uma linguagem acessível ao público geral. Assim, o conteúdo textual foi resumido e apresentado na linguagem mais simples possível, integrando

informações históricas com curiosidades e características dos espaços. Os desenhos, feitos com a técnica de aquarela, não apenas ilustram o livro, mas também engajam os leitores. As atividades interativas propostas ampliam as possibilidades de utilização e apropriação do livro. O interesse da comunidade foi confirmado pelo número de downloads da versão digital, com mais de 500 nos dois primeiros meses após a publicação do e-book.

A educação para o patrimônio, ou educação patrimonial, que é uma das linhas de atuação do Programa de Apoio às Práticas Patrimoniais, tem sido buscada através de diferentes instrumentos e estratégias. Cada ação apresenta resultados diversos e complementares, envolvendo variados grupos sociais nos processos de reconhecimento e valorização do patrimônio, seja material ou imaterial, excepcional ou cotidiano. A produção do livro se insere nesse contexto, destacando-se pela possibilidade de acesso remoto e gratuito à versão digital, cuja linguagem simples, lúdica e acessível tem potencial para alcançar um público variado.

Em relação às continuidades previstas, a produção de uma versão física do livro constitui uma possibilidade de ampliação do alcance do material, que poderá ser distribuído em bibliotecas, oferecendo acesso gratuito e incrementando o reconhecimento e valorização do patrimônio pela comunidade. A produção de outro livro, a partir de atividades com estudantes do ensino fundamental de escolas públicas, é um projeto que pode avançar no entendimento do que é visto como patrimônio por diferentes pessoas e grupos sociais, para além do patrimônio instituído ou reconhecido no contexto acadêmico.

Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 172 p.

FONSECA, Maria Cecília L. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Iphan: antecedentes, realizações e desafios. In: SCHLEE, Andrey R. (org) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 35, 2017. p. 158-170. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/revpat_35.pdf. Acesso em 07 out 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MORRIS, Erick José Carvalho. A Democratização da Ciência e a Interdisciplinaridade. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, nº 11(2), 2023. pp. 1768–1770. Disponível em: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v11.e2.a2023.pp1768-1770>. Acesso em 30 out 2023.

PROGRAMA DE APOIO ÀS PRÁTICAS PATRIMONIAIS, 2023. **O lançamento do e-book...** Pelotas, 12 set 2023. Instagram: @praticas.patrimoniais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CxGgCu7AUhd/?img_index=1. Acesso em 16 out 2023.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Da relevância pública dos espaços livres um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. N. 58. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742014000100006#tx13. Acesso em 07 out 2023.

SCIFONI, Simone. Paisagem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/82/paisagem-cultural>. Acesso em 07 out 2023.

SILVA, Geusiani Pereira; VERSIANI, Isabela Veloso Lopes. Brasil: Espaço público de lazer no ambiente urbano: ampliação das possibilidades de convivência, socialização e mudança de cenários violentos. **Revista Latinoamericana de Desarrollo Humano**. Boletim 74, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7372313-Brasil-espaco-publico-de-lazer-no-ambiente-urbano-ampliacao-das-possibilidades-de-convivencia-socializacao-e-mudanca-de-cenarios-violentos.html>. Acesso em 07 out 2023.